

**O INÍCIO NA DOCÊNCIA NO CONTEXTO DE PANDEMIA:  
DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

**STARTING TEACHING IN THE CONTEXT OF PANDEMIC:  
CHALLENGES AND POSSIBILITIES**

**INICIAR LA DOCENCIA EN EL CONTEXTO DE PANDEMIA:  
DESAFÍOS Y POSIBILIDADES**

**Maria Mikaele da Silva Cavalcante<sup>1</sup>**

**Íris Martins de Souza Castro<sup>2</sup>**

**Isabel Maria Sabino de Farias<sup>3</sup>**

**Resumo**

Com a Covid-19, instaurou-se um novo modo de se relacionar e viver em sociedade. Na Educação, as aulas assumiram um caráter remoto, com uma rotina em ambiente virtual, constituindo um desafio novo para a comunidade escolar. Nesta análise, voltamo-nos especificamente para a realidade vivenciada por professores cearenses que estão iniciando na docência. O objetivo é compreender os desafios e as formas de reagir de professores iniciantes na carreira durante a pandemia, assim como o modo como esses docentes têm lidado com as adversidades desse cenário. Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, realizada com a participação de professores iniciantes que apresentam, por meio de narrativas escritas, os desafios e experiências durante o seu ingresso na docência, em meio à pandemia. Os estudos de Garcia (2010), Stake (2011), Cruz, Hobold e Farias (2020), Contreras (2012), Cardoso e Mendonça (2020), Nono e Mizukami (2002), serviram de base para as análises em foco. Os resultados indicam que os desafios vivenciados no início da docência foram intensificados nesse contexto e que os professores buscam superá-los de diversas formas. Espera-se contribuir para a reflexão sobre a relevância social do apoio e acompanhamento desses professores, como problematizar o contexto pandêmico, tornando a realidade escolar ainda mais complexa e desafiadora.

**Palavras-chave:** Início na docência; Pandemia; Desafios; Professor iniciante.

**Abstract**

With Covid-19, a new way of relating and living in society was established. In Education, classes took on a remote nature, with a routine in a virtual environment, posing a new challenge for the school community. In this analysis, we turn specifically to the reality experienced by teachers from Ceará who are starting to

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora da Secretaria Municipal de São Gonçalo do Amarante (SME/SGA). Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura Escolar e Sociedade (EDUCAS/CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4551-6495>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3404289060264413>. E-mail: [mikaele262009@hotmail.com](mailto:mikaele262009@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Ceará (SEDUC/CE). Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura Escolar e Sociedade (EDUCAS/CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2542-4673>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2130163714889331>. E-mail: [irismartinsnr@gmail.com](mailto:irismartinsnr@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora associada do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (CED/UECE). Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura Escolar e Sociedade (EDUCAS/CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1799-0963> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4537311001790225>. E-mail: [isabelinhasabino@yahoo.com.br](mailto:isabelinhasabino@yahoo.com.br).

teach. The objective is to understand the challenges and ways of reacting for teachers starting their careers during the pandemic, as well as how these teachers have dealt with the adversities of this scenario. We developed a qualitative research, carried out with the participation of beginning teachers who present, through written narratives, the challenges and experiences during their entry into teaching, amid the pandemic. The studies by Garcia (2010), Stake (2011), Cruz, Hobold and Farias (2020), Contreras (2012), Cardoso and Mendonça (2020), Nono and Mizukami (2002), served as the basis for the analyzes in focus. The results indicate that the challenges experienced at the beginning of teaching were intensified in this context and that teachers seek to overcome them in different ways. It is expected to contribute to reflection on the social relevance of supporting and monitoring these teachers, how to problematize the pandemic context, making the school reality even more complex and challenging.

**Keywords:** Start teaching; Pandemic; Challenges; Beginning teacher.

### Resumen

Con el Covid-19 se estableció una nueva forma de relacionarse y vivir en sociedad. En Educación, las clases adquirieron un carácter remoto, con una rutina en un entorno virtual, planteando un nuevo desafío para la comunidad escolar. En este análisis, nos dirigimos específicamente a la realidad que viven los profesores de Ceará que comienzan a enseñar. El objetivo es comprender los desafíos y formas de reaccionar de los docentes que inician su carrera durante la pandemia, así como cómo estos docentes han afrontado las adversidades de este escenario. Desarrollamos una investigación cualitativa, realizada con la participación de docentes principiantes quienes presentan, a través de narrativas escritas, los desafíos y experiencias durante su ingreso a la docencia, en medio de la pandemia. Los estudios de García (2010), Stake (2011), Cruz, Hobold y Farias (2020), Contreras (2012), Cardoso y Mendonça (2020), Nono y Mizukami (2002), sirvieron de base para los análisis que nos ocupan. Los resultados indican que los desafíos vividos al inicio de la docencia se intensificaron en este contexto y que los docentes buscan superarlos de diferentes maneras. Se espera contribuir a la reflexión sobre la relevancia social del acompañamiento y seguimiento de estos docentes, cómo problematizar el contexto de pandemia, volviendo aún más compleja y desafiante la realidad escolar.

**Palabras clave:** Empiece a enseñar; Pandemia; Desafíos; Profesor principiante.

### Introdução

Este artigo versa sobre os desafios e possibilidades do agir de professores iniciantes cearenses, ou seja, profissionais que vivem os seus primeiros anos de atuação na profissão, voltando-se especialmente para a realidade da pandemia da Covid-19<sup>4</sup>, um advento epidemiológico mundial vivenciado desde o final de 2019.

Os primeiros anos no magistério são determinantes para a permanência na profissão, mas também para a constituição profissional de cada professor que, por mais que aprenda durante toda a sua trajetória na carreira, vê isso acontecer de forma mais intensa durante as suas primeiras experiências na docência, momento em que são

---

<sup>4</sup> Trata-se de uma doença infecciosa causada por um coronavírus recém-descoberto, denominado SARS-CoV-2. Apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. Os sintomas da Covid-19 podem variar de um resfriado a uma Síndrome Gripal-SG, ou até a uma pneumonia severa. A doença transmite-se através de gotículas produzidas nas vias respiratórias das pessoas infectadas, por meio de espirro ou tosse. Entre as medidas de prevenção estão a lavagem frequente das mãos e evitar o contato próximo com outras pessoas. Disponível em: [coronavirus.saude.gov.br](https://coronavirus.saude.gov.br).

registrados e marcados os sentimentos, desafios e aprendizagens iniciais do contato com esse fazer laboral. Essa é uma fase, portanto, que merece uma atenção especial, considerando toda a carreira do professorado.

Os professores, no processo de aprendizagem que ocorre no início da atuação profissional, adquirem experiência e a “expertise” que a profissão exige, o que se constitui nas incertezas do cotidiano e requer uma ação com julgamentos rápidos, acertados, mas também imprevisíveis e diversos, tornando o trabalho docente complexo e desafiador (Tancredi, 2009).

O processo de aprendizagem docente e os desafios que são vivenciados no início da docência estão sendo intensificados desde 2019, com a pandemia mundial que se instaurou e provocou um novo modo de se relacionar e viver em sociedade, o qual vem repercutindo em todas as instituições sociais, inclusive na escola. No âmbito educacional, as aulas assumiram um caráter remoto, dinâmica que prima por uma rotina em um ambiente virtual acessado de modo independente, constituindo um desafio novo para toda a comunidade escolar.

É importante frisar que o ensino remoto foi uma surpresa, afinal, teve que acontecer de forma imediata e, até mesmo, improvisada, para garantir o direito de acesso à educação, à medida que assegurava o distanciamento que a situação epidemiológica demandava. Não houve tempo hábil, portanto, para organizar uma dinâmica mais sistemática e direcionada. A escola precisou criar novas estratégias, reinventar-se e fazer o processo de aprendizagem acontecer de modo diferente do que estava habituada: à distância.

Ao assumir um novo *modus operandi*, a escola passou a ter novos desafios, os quais foram sentidos por todo aqueles que a compõem. É por meio desse entendimento que voltamos nosso olhar, especificamente, para os professores que iniciaram suas vidas profissionais na docência durante esse período. Por entender ser este um grupo que merece uma atenção especial, levantamos os seguintes questionamentos, os quais orientaram este estudo: como os professores iniciantes viveram a fase da pandemia? Quais desafios professorais emergiram dessa realidade? De que modo têm agido esses profissionais em meio às suas demandas e dificuldades na docência?

Nesta análise, recorreremos a professores que vivenciaram os primeiros anos na carreira nesse período atípico de pandemia da Covid-19. Para tanto, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa empírica, que contou com a colaboração de 61 professores pedagogos que atuam no estado do Ceará e que elaboraram narrativas escritas sobre essa fase de suas vidas profissionais (dados gerados no ano de 2021). O objetivo principal é compreender os desafios e as formas de reagir de professores iniciantes na carreira durante a pandemia.

### **A complexidade do início da docência intensificado por uma pandemia**

A entrada na docência, compreendida como a etapa das primeiras aprendizagens no exercício da profissão e de socialização do professor iniciante com o espaço escolar, é imbuída de sentimentos e sensações um tanto paradoxais. Ao mesmo tempo que esse docente se vê entusiasmado com a docência em sua efetiva prática, também vivencia inúmeros desafios inerentes a esse período inicial de atuação profissional.

Os obstáculos advindos com o início da carreira docente, em sua grande maioria, configuram-se em barreiras que dificultam o desenvolvimento profissional, desestimulando o iniciante e levando-o até mesmo à tomada de decisões extremas, como a desistência da profissão.

O fato é que os desafios que os iniciantes enfrentam são variados e, às vezes, esses sofrem influência da realidade escolar em que estão inseridos. Por mais que não se possa apontar um único elemento desafiador, alguns autores da área de formação de professores já arriscam pontuar determinados aspectos, a exemplo das professoras Alarcão e Roldão (2014) que, após análise de pesquisas realizadas sobre a temática, dizem:

As dificuldades sentidas pelos professores em início de carreira são de várias ordens: **científico-pedagógica** (gestão do ensino, problemas de indisciplina e desmotivação, diferenciação de ritmos de aprendizagem, gestão do currículo, relacionamento com os alunos, avaliação), **burocrática** (conhecimento da legislação, dos regulamentos, do funcionamento da escola, diversidade de tarefas e tempo para as gerir, assunção de cargos sem preparação), **emocional** (autoconhecimento, autoestima e autoconfiança, isolamento, angústias, gestão das dimensões pessoal e profissional), **social** (identidade e identificação profissional, relacionamento com os colegas, desconhecimento das regras de conduta, relacionamento com os encarregados de educação). É habitual falar-se em resolução das dificuldades por tentativa e erro neste período em que aos saberes aprendidos na formação

inicial é preciso dar uma orientação prática e contextualizada (Alarcão & Roldão, 2014, p. 112, grifos nossos).

Os desafios experienciados pelos professores no início de suas atuações profissionais, conforme destacado pelas autoras no excerto anterior, são diversos, não se limitando a um único fator. Esses, em geral, extrapolam os muros da escola (Cavalcante, 2018), o que caracteriza toda a complexidade do trabalho docente. Com relação ao início na Educação Básica, “os primeiros anos na carreira são os mais desafiantes, predominando o sentimento de sobrevivência na profissão e uma sensação de estar lutando continuamente para se manter nela” (Costa, 2021, p. 78).

Com relação aos desafios de ordem científico-pedagógica, esses envolvem a ação do professor, seu trabalho e modo de agir. Por esse motivo, tais desafios geram conflitos e inseguranças ao professor, uma vez que, ao não saber “o que fazer” e “como agir”, passa a questionar a solidez da sua formação inicial (Romanowski & Martins, 2010), mas também a ter insegurança quanto às suas ações enquanto profissional. Esse dilema inicial com relação à prática professoral pode inclusive levar o docente ao desestímulo e, em último caso, à desistência da profissão (Alves, 2017).

Sobre os desafios de natureza burocrática, costumam aparecer e ser mais penosos nos primeiros momentos da atuação, quando o professor se depara com o preenchimento de relatórios, documentos orientadores e afins. Por mais que esse desafio seja relativamente fácil de ser sanado, o professor acaba tendo que entender que “precisa atender as expectativas que vão além do ato de ensinar, mas são especificidades da função de ser professor” (Alves, 2017, p. 35) e, com isso, depara-se com mais uma série de atividades que lhe demandará tempo, aprendizagem e empenho para realizar. Esse é um dos elementos que não estão no *script* quando muitos idealizam ser “professor”, mas que faz parte da função e precisa ser aprendido.

Quanto aos desafios de cunho emocional, esses se relacionam ao modo particular de cada sujeito, como ele sente e vive a docência, mas também à natureza do trabalho professoral que se caracteriza como uma atividade, muitas vezes, solitária, demandando diálogo e vínculos entre aqueles que compõem a comunidade escolar. Além disso, conforme pontua Farias (2006), as práticas não mudam antes das crenças, exceto quando

essas mudanças ocorrem de modo impositivo. É preciso que os professores queiram e tenham motivações próprias para mudar, o que é muito mais difícil de conseguir, pois abrange a esfera individual de cada sujeito.

Ensinar, por mais que seja uma prática coletiva, é também uma ação realizada de modo isolado, ou pelo menos é assim que muitos docentes sentem e vivem na profissão. Para Garcia (2010), os professores, “geralmente, enfrentam sozinhos a tarefa de ensinar. Somente os alunos são testemunhas da atuação profissional dos docentes. Poucas profissões se caracterizam por uma maior solidão e isolamento” (Garcia, 2010, p. 16). Solidão, desamparo e falta de apoio são característicos na vida docente. No caso dos professores iniciantes, estes são tratados como se já devessem saber como fazer o seu trabalho, quando deveriam ter uma atenção diferenciada dos demais profissionais. O resultado é um movimento nada animador, que vai desmotivando ou desestimulando esse corpo profissional, conforme advertem as autoras portuguesas:

Algumas metáforas usadas pelos principiantes dão bem a imagem dos seus sentimentos e percepções: “cair nas feras”, “cair numa escola”, “bicho de sete cabeças”, “ser atirado para a selva”, “desbravar o terreno”, “desenrascar”, “andar às aranhas”, “encontrar-se perdido”, “não ter para quem se virar”. Perante as dificuldades, alguns professores assumem atitudes de otimismo, superação e autorrealização. Outros, pelo contrário, manifestam diminuição de esforço ou menor motivação, refugiando-se nos comportamentos seguros, criando inibições ou caindo na rotina pedagógica (Alarcão & Roldão, 2014, p. 112).

Esse abandono que por vezes ocorre caracteriza a falta de trato com aqueles que estão iniciando esse período de inserção, diferentemente do que ocorre em outras profissões, que costumam integrar os profissionais aos poucos e fazer um acompanhamento com profissionais mais experientes, como é o caso da medicina, engenharia, direito, dentre outras. Giovanni e Guarnieri (2014, p. 34), como já destacado, apontam que os iniciantes na carreira “são encaminhados para locais de vulnerabilidade social mais acentuada”. No entanto, acreditamos que nenhum dos profissionais das áreas citadas assumiu, em seus primeiros anos de atuação, casos complexos, pois em geral isso vai ocorrendo paulatinamente, conforme vão adquirindo experiência. Considerando essa realidade, Nóvoa (2009) pondera que não se dá a atenção devida a esse período, mesmo

sendo um definidor na carreira do professor, considerando “inaceitável que uma pessoa que acabou de se formar fique encarregada das piores turmas, muitas vezes sem apoio nem acompanhamento. Quem está começando precisa, mais do que ninguém, de suporte metodológico, científico e profissional” (p. 13). Essa realidade faz com que o professor que está iniciando sintá-se, muitas vezes, desmotivado, sem apoio e sozinho.

Sentir-se sozinho é dilemático, afinal, é consensual que a aprendizagem acontece por meio da interação com os pares, principalmente na escola enquanto “lugar privilegiado capaz de redimensionar os saberes de que são portadores os professores, que se manifestam na ação pedagógica, e as concepções sobre os processos de ensinar e de aprender que informam uma série de comportamentos e atitudes” (Lelis, 2001, p. 45). Por esse motivo, o acolhimento, cuidado e apoio àqueles que estão iniciando são uma ação que favorece não só o bom desenvolvimento de suas práticas, mas o seu bem-estar enquanto pessoa e segurança como profissional.

Na realidade, se observarmos como as profissões incorporam e socializam os novos membros, perceberemos o grau de desenvolvimento e de estruturação que têm essas profissões. Não é comum que um médico recém-formado deva realizar uma operação de transplante de coração. Nem muito menos que um arquiteto com pouca experiência assine a construção de um edifício de moradias. Sem falarmos que se deixe um piloto com poucas horas de voo comandar um Airbus 340. Podíamos citar mais exemplos que nos mostrariam que as profissões tentam proteger seu próprio prestígio e a confiança da sociedade e de seus clientes assegurando-se de que os novos membros da profissão tenham as competências apropriadas para exercer o ofício (Garcia, 2010, p. 32).

Por fim, há os desafios de ordem social, que, por sua vez, também possuem forte impacto nos primeiros anos de atuação dos professores iniciantes, pois são aspectos que agem diretamente “na construção de expectativas, gostos, identificação” (Cavalcante, 2018, p. 66).

Diante dos desafios supracitados, é possível dizer que os professores iniciantes vivem situações dilemáticas por todos os lados. Não é à toa que a literatura aponta que esse momento da carreira é uma época de se adaptar, socializar e encontrar o seu próprio modo de ser professor, ainda mais no atual contexto nacional de instabilidade política e de reforma curricular centralizada e homogeneizadora (Aguiar & Dourado, 2018) que

coloca em constatação o Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas e tensiona ainda mais o professor e o seu trabalho.

A seguir analisamos o que narraram os professores iniciantes cearenses sobre os seus primeiros anos de exercício docente, em particular no que se refere aos desafios que eles vivenciaram no contexto de pandemia, assim como o modo como reagiram diante da realidade anunciada.

### **Desafios e modo de agir de professores iniciantes em tempos de pandemia**

Para o processo analítico apresentado neste artigo, consideramos as narrativas escritas de professores iniciantes que exemplificam como tem ocorrido a sua passagem pelo início da docência, no tocante aos desafios e modo de agir no contexto da pandemia da Covid-19.

Participou deste estudo um total de 61 professores que produziram narrativas escritas<sup>5</sup> sobre os seus processos de entrada na carreira docente, os quais possuíam o seguinte perfil comum: licenciados em Pedagogia; atuantes na rede pública de ensino, com vínculo efetivo (concurado); estão em efetivo exercício em sala de aula; e possuem experiência profissional de, no máximo, 5 anos, considerando toda a sua trajetória na carreira docente. Os profissionais indicados atuam em diferentes regiões do Ceará: capital (Fortaleza), Região Metropolitana, Norte, Noroeste, Sertões, Jaguaribe, Centro-Sul e Sul do estado.

Nesta produção, a ênfase das experiências das trajetórias dos professores participantes recaiu sobre os desafios e formas de agir durante os primeiros anos na docência em tempos de pandemia. Vale lembrar que “as consequências de desatender os problemas específicos dos docentes iniciantes trazem sérios prejuízos econômicos, tanto pela deserção dos mesmos como pelo impacto de suas ações no sistema educativo” (Cunha & Zanchet, 2010, p. 191). Desse modo, inicialmente, indicamos os desafios

---

<sup>5</sup> A proposta aqui apresentada se enquadra no que está estabelecido no inciso VII da Resolução n. 510 de 07 de abril de 2016 que afirma que não serão registradas nem avaliadas pelo CEP “a pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito”. Neste artigo, o estudo será apresentado de modo que não permita a identificação dos participantes envolvidos. Por isso, não houve registro da pesquisa no CEP/CONEP.

experienciados pelos professores iniciantes, os quais foram organizadas em quatro categorias: conhecimentos profissionais, condições de trabalho, relações interpessoais e pandemia.

Inicialmente, cabe pontuar que os professores apresentam desafios diversos com relação aos seus primeiros anos na docência. Identificamos, porém, que aqueles professores que possuem um menor tempo de experiência possuem também mais desafios do que aqueles que possuem mais tempo de docência. Essas constatações, nos leva ao entendimento de que, no momento inicial de inserção na docência, quando tudo é novidade e desconhecido, vivem-se de modo muito mais tenso e conflitivo as demandas postas pelo trabalho. Além disso, conforme o tempo passa e os desafios são enfrentados e superados, os professores tendem a viver com mais tranquilidade, focando apenas aquilo que realmente lhe toca durante esse momento de sua vida.

Conforme os professores ganham experiência, surgem também a maturidade e adaptação ao universo escolar e suas nuances. Nos dois trechos sobre os desafios de professores que estão iniciando a docência, o primeiro vive seus primeiros momentos na profissão docente, enquanto o segundo já possui mais tempo, cerca de quatro anos na profissão, sendo possível identificar que:

Os desafios são vários, desde ordem burocrática, pedagógica a relacional. Dentre eles, destaco o choque de realidade vivenciado nos primeiros dias de exercício profissional em uma escola pública; a dificuldade e o não conhecimento em saber preencher diário, fazer planejamento seguindo as normas do município, fazer relatório semestral das crianças e a avaliação delas; dificuldade de domínio de turma, em propor interações significativas às crianças e ter a atenção delas; falta de apoio da assistente pedagógica, da outra professora da turma e da coordenadora (Professor iniciante 31, com 1 ano a 23 meses de atuação profissional).

Alimentar o encantamento. É extremamente complexa a conjuntura educacional do nosso país, especialmente no que se refere à docência. Nossas condições de trabalho estão longe de um quadro ideal, baixos salários, ataques aos nossos direitos... Em meio a esse caos, encontrar motivos para permanecer e vislumbrar um futuro bom... Tem sido quase impossível (Professor iniciante 02, com 4 anos a 60 meses de atuação profissional).

O primeiro relato é de um professor que ingressou na rede pública e na sua vida profissional há pouco. Assim, identificamos que os desafios que são apontados em sua narrativa apresentam elementos de ordem burocrática que, para outros que estão há mais

tempo, tendem a não aparecer como uma dificuldade, a exemplo do preenchimento de diário e relatórios. Aqui, cabe considerar e questionar o apoio que esse professor tem recebido em sua atuação diária, seja no âmbito escolar ou da própria secretaria de educação, considerando que o trabalho professoral vai para além do ato de ensinar, pois “envolve também interação com os pais e/ou responsáveis, desenvolvimento de planejamento que atenda às necessidades de aprendizagem, preenchimento de diários, atendimento às atividades burocráticas solicitadas pelas secretarias de educação” (Alves, 2017, p. 36), entre outras.

O segundo relato sobre os desafios docentes nos primeiros anos de atuação profissional é de uma professora que já possui alguns anos acumulados de experiência na docência. Sua narrativa apresenta reflexão quanto aos desafios, numa perspectiva mais política da profissão, questionando o cenário atual que atravessamos e sua pretensão quanto à permanência na carreira. Para Almeida e Noronha (2015), o início da carreira tem relação direta com o desempenho dos professores e as possibilidades de permanência ou não na profissão, o que torna esse período uma fase que requer uma atenção especial das pesquisas e políticas de formação docente do país.

É importante destacar ainda que as experiências das pessoas são únicas e que o modo como aprendem, lidam e são marcadas por acontecimentos em suas vidas depende da história, formação e, no caso, do contexto de inserção profissional (Leoni, 2012).

A categoria conhecimento profissional se sobressai nas narrativas escritas dos professores, elemento fundante para tornar-se profissional docente. Entre os diversos aspectos em torno dessa temática, destaca-se a formação que aparece tanto como um elemento positivo, mas também como uma experiência que poderia ter sido mais significativa, conforme registrado nos trechos a seguir:

Os principais desafios enfrentados foram inicialmente o choque de realidade da prática, muitas demandas burocráticas como preenchimento de diários, frequência e caderno de plano não vivenciados por mim no período da formação inicial (Professor iniciante 42, com 2 anos a 35 meses de atuação profissional).

Adaptar conhecimento e vivência da época de escola e universidade com a diversidade de mudanças atuais no que se refere à educação (Professor iniciante 22, com 4 anos a 60 meses de atuação profissional).

A falta de formação continuada por parte da rede municipal para contribuir com o desenvolvimento dos professores (principalmente nas aulas remotas) também foi um ponto desafiador. Muitas vezes não dominamos as tecnologias e as metodologias possíveis de alcançar nossos alunos com diversos tipos e níveis de dificuldades. O distanciamento entre a teoria e a prática demonstra que o que aprendemos na universidade muitas vezes não é o suficiente para termos a segurança necessária na atuação docente. Não aprendemos na graduação a estabelecer metodologias diferentes na mesma turma, de acordo com a necessidade (que também é diversa) dos alunos. Não aprendemos a lidar com mães, pais e familiares com realidades complexas. Não aprendemos a lidar com a atuação dos nossos amigos professores que se confrontam com a nossa. Somente a prática apresenta situações reais que devemos aprender a vivenciar e ressignificar (Professor iniciante 19, com 1 ano a 23 meses de atuação profissional).

Os professores acima e outros mais destacam que a formação, sobretudo a inicial (graduação), poderia ter sido mais formativa, no sentido de contextualizar e oferecer subsídios que preparassem melhor para a sua prática profissional. Além disso, há uma indicação entre os escritos de que a formação continuada, no que tange ao que é ofertado pelas secretarias municipais, não atende aos professores, sendo considerada uma ação distante de suas realidades de trabalho, o que é um equívoco, uma vez que “a formação docente não pode estar alicerçada em cursos que não estabelecem relação com o cotidiano, com as práticas profissionais e com as demandas de formação trazidas pelos professores” (Jardilino & Sampaio, 2019, p. 185).

Chama atenção o fato de atividades burocráticas como o preenchimento do caderno de plano, frequências e diários serem alguns dos desafios enfrentados pelos professores iniciantes, mas não por entender que eles já deveriam sabê-las, e sim por serem questões que poderiam ser trabalhadas e resolvidas junto ao núcleo gestor da escola ou em alguma formação da secretaria. A questão é: teriam os professores oportunidades de indicar quais são suas demandas e serem atendidos e acolhidos?

Um outro aspecto que apareceu com recorrência nas narrativas escritas dos professores foram as relações interpessoais, no que se refere ao apoio da comunidade escolar no processo de ensino e aprendizagem: pais, alunos, gestores e a secretaria de educação. De um modo geral, ocorreu uma maior frequência com relação aos gestores e familiares, principalmente estes últimos. A seguir, apresentamos alguns trechos: “[...] além de não valorizar os professores [referência às famílias], jogam nos mesmos a responsabilidade de educar” (Professor iniciante 44, com 4 anos a 60 meses de atuação

profissional); “Tive dificuldades em lidar com a indisciplina dos alunos e com a gestão da escola, pois me sentia sozinha para resolver certos conflitos dos alunos” (Professor iniciante 42, com 2 anos a 35 meses de atuação profissional); e “Gestão sem qualificação para poder me dar suporte” (Professor iniciante 23, com 2 anos a 35 meses de atuação profissional).

O acompanhamento e apoio da gestão no momento do início da docência são fundamentais, pois são os professores que devem conduzir, orientar e ajudar os professores, sejam eles iniciantes ou não. Ao que parece, pelos trechos das narrativas dos participantes, a gestão da escola não possui uma aproximação com os seus professores, o que certamente representa um forte desafio. André (2018) considera que “o principiante precisa receber apoio e orientação no ambiente de trabalho, de modo que reconheça que a docência é uma profissão complexa, que exige um aprendizado” (André, 2018, p. 6). A escola, de um modo geral, precisa alinhar-se para que sigam todos juntos, numa mesma direção.

Além da gestão, a família aparece com recorrência nos relatos dos professores iniciantes, sendo inclusive sua principal indicação de falta de apoio acerca da temática relações interpessoais. Nesse sentido, entendemos que um agravante para esse distanciamento é o contexto de pandemia, no qual os familiares precisam realizar um acompanhamento mais intenso com relação às atividades das crianças, uma vez que as aulas estão acontecendo por meio remoto.

As condições de trabalho dos professores também foram pautadas entre os inúmeros desafios encarados pelos iniciantes. Considerando o quantitativo de respostas em que as condições de trabalho aparecem, podemos afirmar que este é um fator central. É o que revelam os trechos das narrativas selecionadas:

Atuar no meu primeiro ano numa sala de infantil I, sem professora PRB e assistente. Trabalhei quase 1 ano nesse mesmo lugar sem água. Atuar em 2019 com uma turma de 20 alunos, na qual tinham dois alunos com deficiência que usavam fralda e tinha que dar banho e não tinha ajuda, a não ser dos meus próprios alunos (Professor iniciante 30, com 3 anos a 47 meses de atuação profissional).

A desestrutura da rede municipal, a falta de recursos para transformar as aulas em algo atrativo. Muitas vezes compro do meu bolso para suprir as necessidades. Além disso, há

também a grande maquiagem que a prefeitura faz em relação à educação pública (Professor iniciante 34, com 4 anos a 60 meses de atuação profissional).

O principal desafio e entrave que venho vivenciando é a prática mecanizada e precarizada de ensino que é imposta na educação básica, que impossibilita tempo disponível para leitura, pesquisa e planejamento (Professor iniciante 19, com 1 ano a 23 meses de atuação profissional).

O principal impasse com relação às condições de trabalho é que, para que essa realidade seja modificada, não se depende apenas dos professores, mas sim de uma política de estado que não focalize apenas em formação, mas volte-se também para a realidade de trabalho docente, pois é “necessário dar-lhes condições de trabalho que possam permitir concretizar a sua motivação e competência profissional e realizar um trabalho de qualidade” (Jesus, 2004). Essa perspectiva, de certa maneira, está sinalizada nas falas dos professores iniciantes que responderam ao questionário eletrônico, os quais evidenciaram posicionamento que revela certa clareza do quanto as condições difíceis de atuação que enfrentam inibem a qualidade do seu trabalho e, certamente, seu desenvolvimento profissional. Sobre o assunto, inclusive, um dos professores pondera: “Faço o que está ao meu alcance, pois mudar a estrutura da escola, por exemplo, não está em minhas mãos. O que posso fazer é me juntar com a comunidade escolar e pedir mudanças junto à prefeitura” (Professor iniciante 23, com 2 anos a 35 meses de atuação profissional).

A melhoria das condições de trabalho docente, embora seja uma pauta antiga das reivindicações da categoria, ainda registra mudanças lentas. Desde 2020, com o advento da pandemia da Covid-19, essa situação foi mais agravada em decorrência das aulas remotas, as quais suscitaram novos desafios para o cotidiano dos professores, que tiveram que aprender a lidar com algumas ferramentas tecnológicas, pensar atividades e aulas a distância e, conseqüentemente, passar mais tempo expostos a telas de celulares e computadores. As narrativas de alguns professores sobre esse assunto relatam que:

[...] com o surgimento da pandemia em 2020, os desafios foram surgindo com relação ao ensino remoto, trabalho para além da carga horária, recursos pedagógicos limitados, dificuldades na relação família e escola, cansaço, dentre outras (Professor iniciante 42, com 2 anos a 35 meses de atuação profissional).

Assumi, inicialmente, como professor substituto em Fortaleza. Fui lotado em fevereiro de 2020, efetivamente minha primeira experiência em sala de aula e em março somos afastados, ficando pelo trabalho remoto, devido à pandemia. Essa adaptação dos meus conhecimentos adquiridos no curso de pedagogia a uma prática pedagógica totalmente inesperada foi, de fato, o meu primeiro e principal desafio (Professor iniciante 47, com 1 ano a 23 meses de atuação profissional).

Considerando o tempo de pandemia e a modalidade de ensino remoto, fomos (e ainda estamos sendo) constantemente cobrados pela gestão municipal e, conseqüentemente, pela gestão da escola a participarmos de reuniões, preenchimento de documentos e instrumentais, realizar busca ativa de alunos com baixa frequência, por exemplo. Essas ações citadas exigem tempo e dedicação e acabam ganhando maior relevância que o tempo de regência com a turma. A falta de tempo prejudica o tempo de estudo e o planejamento (Professor iniciante 19, com 1 ano a 23 meses de atuação profissional).

Com relação aos desafios das aulas nessa realidade pandêmica, a falta de diálogo e de acompanhamento dos pais foi um aspecto pontuado por vários participantes. Isso porque a nova realidade de aulas, no caso das crianças, principalmente as menores, reclama a atenção e o acompanhamento de algum adulto, o que nem sempre é possível para algumas famílias. Apesar da relação entre escola e família ser um desafio antigo da categoria docente, o fato é que a pandemia agravou e tornou ainda mais evidente esse desafio.

Cabe também destacar que, para muitos professores iniciantes, a realidade do ensino remoto está sendo seu primeiro contato com a profissão, o que tem tornado esse início ainda mais desafiador, afinal, ter o seu primeiro contato com a atividade docente de modo remoto torna todo o processo de aprender a ensinar ainda mais complexo.

Os professores cearenses participantes também destacaram, como um desafio nos seus primeiros anos de atuação profissional, os conhecimentos profissionais. Esse foi o aspecto que mais apareceu nas narrativas escritas dos professores iniciantes, principalmente no que se refere ao domínio de sala de aula e estratégias metodológicas.

Me deparei com uma realidade que não esperava, uma sala com 24 alunos e apenas 3 tinham um bom rendimento (Professor iniciante 13, com 3 anos a 47 meses de atuação profissional).

Um dos maiores desafios foi o de sair da posição de “estagiária” e agora ter total responsabilidade sobre a turma. Outro desafio foi no meu primeiro ano como professora do município ter assumido uma turma de 1º ano do ensino fundamental, uma vez que eu

não tinha experiência em alfabetizar alguém (Professor iniciante 40, com 4 anos a 60 meses de atuação profissional).

Construir e executar um planejamento significativo para as crianças. Um planejamento que leve em conta todas as dificuldades, como, por exemplo, a infraestrutura da escola (Professor iniciante 24, com 3 anos a 47 meses de atuação profissional).

De um modo geral, os professores assinalaram que sua principal dificuldade ou, em alguns casos, às vezes até o único desafio, encontra-se no âmbito dos próprios conhecimentos profissionais e pedagógicos relativos a como ensinar, lidar com as crianças e pensar o seu trabalho (planejamento) e estratégias de ensino (metodologia). Importa lembrar que, para atuar profissionalmente como docente, é necessário um conjunto de conhecimentos teóricos que servem como suporte para desenvolver uma função que é socioprática, como diz Roldão (2007), uma ação que acontece em sala de aula, com alunos inseridos em determinado contexto, com suas particularidades, necessidades e níveis de aprendizagens distintos.

Identificamos que os desafios vivenciados pelos professores iniciantes nos seus primeiros anos de docência são mais precisos e diretos do que as narrativas sobre o modo como agiram diante dos desafios apresentados; eles narram mais sobre como se sentem, quais os sentimentos diante dos desafios enfrentados, do que propriamente como têm agido.

Uma reação destacada, embora com reduzida expressão, foi relacionada aos aspectos formativos. Destacamos os relatos que sinalizam explicitamente a formação como uma ação diante do contexto vivenciado. Os professores responderam e afirmaram ser a formação um meio que utilizam para superar as dificuldades do trabalho:

Tenho buscado aprender, tanto que procurei uma especialização na área de educação infantil. Todo início de ano procuramos adquirir, de maneira autônoma, brinquedos, depósitos e cestos para guardá-los. Além de pesquisas constantes em como nos relacionarmos com as crianças a fim de estimular aprendizagens significativas, a partir de seus interesses e necessidades (Professor iniciante 10, com 4 anos a 60 meses de atuação profissional).

Sobre a insegurança na tomada de decisões, tenho buscado adquirir conhecimentos, através de formações continuadas que viabilizem aprimorar minhas estratégias no trabalho e que me ajudem a construir minha identidade profissional (Professor iniciante 39, com 2 anos a 35 meses de atuação profissional).

Aprendendo e me adaptando passo a passo. As formações pós-pandemia, tanto profissionais como de estudos, em meu mestrado em educação, têm ajudado muito (Professor iniciante 47, com 1 ano a 23 meses de atuação profissional).

Busco utilizar estratégias para otimizar o tempo e conseguir estudar, planejar e até mesmo pesquisar, apesar das poucas condições para tal. Procuo formação e capacitação por conta própria, de acordo com minhas necessidades, na universidade, em cursos e eventos pela internet (Professor iniciante 19, com 1 ano a 23 meses de atuação profissional).

Os trechos selecionados das narrativas dos professores iniciantes respondentes do questionário indicam que os egressos de seus cursos de licenciaturas tendem a perceber a importância da formação e buscam por mais conhecimentos para a sua atuação profissional, afinal, o aprimoramento da qualidade da ação profissional está diretamente relacionado à formação, conforme asseveram Mesquita, Formosinho e Machado (2012).

Nos primeiros anos de atuação docente, a formação docente, associada a outros elementos, configura uma ponte para tornar essa fase mais tranquila, considerando que o domínio do conhecimento pode oferecer uma maior segurança no modo de agir docente.

Para Romanowski (2012) é desgastante a experiência de viver os primeiros momentos na docência, em que é preciso agir e comportar-se como um profissional, sentindo pressões de diferentes tipos, medos, expectativas em realizar uma prática coerente e fundamental, entre outras tensões. Desse modo, ter uma fase fundamentalmente sólida, assim como a possibilidade de aprofundar os conhecimentos, pode assegurar o mínimo de sustentação para enfrentar e saber como agir frente aos inúmeros desafios que são impostos no contexto de trabalho.

Um aspecto que chama atenção nas narrativas dos professores iniciantes é o que versa sobre os conhecimentos profissionais e pedagógicos, sendo o que recebeu o maior quantitativo de respostas, tanto na questão dos desafios quanto do modo de agir. Nesse espaço, sustentam-se aquelas ações voltadas para o trabalho do professor em si, de natureza pedagógica, que são específicas de sua atuação, como planejamento, gestão, metodologias do ensino, entre outras. Vejamos o que alguns professores disseram sobre o assunto:

Busco utilizar estratégias para otimizar o tempo e conseguir estudar, planejar e até mesmo pesquisar, apesar das poucas condições para tal. Procuo formação e capacitação por conta própria, de acordo com minhas necessidades, na universidade, em cursos e eventos pela internet. Também busquei conversar e trocar vivências com professores mais experientes que pudessem dar orientações que ajudassem meu processo (Professor iniciante 19, com 1 ano a 23 meses de atuação profissional).

Conhecendo métodos de ensino e criando um conjunto de estratégias para alcançar o objetivo final que é a alfabetização em contexto de letramento (Professor iniciante 57, com 4 anos a 60 meses de atuação profissional).

O primeiro ano foi o mais desafiador. Não foram poucos os momentos em que pensei em desistir, chegava em casa após um dia de trabalho chorando e me sentindo incapaz. Depois considero que fui aprendendo a ser professora com esses desafios e atualmente consigo enfrentá-los com mais serenidade, principalmente pedindo apoio às minhas colegas do CEI em que atuo (Professor iniciante 31, com 1 ano a 23 meses de atuação profissional).

Nas narrativas escritas dos professores participantes sobre o modo como agem diante dos desafios referentes aos conhecimentos profissionais, em particular os pedagógicos, identificamos uma tendência dos professores a buscar, por conta própria, um modo de lidar e superar os desafios que são postos em sua atividade profissional; no máximo, sinalizam uma relação de diálogo com os demais professores. Chama atenção não indicarem o apoio da gestão ou mesmo da secretaria de educação nesse aspecto, afinal, este deveria ser um desafio a ser superado junto com esse grupo de profissionais, pois são eles os principais responsáveis por ajudar e acompanhar o andamento da escola e do seu corpo docente.

Essa constatação corrobora com o sentimento de solidão, aflição e angústia percebido por muitos professores em suas respostas, o que é preocupante, pois, em meio a essa dinâmica, todos da comunidade escolar perdem de alguma forma. Cabe questionar: estaria a gestão tão sobrecarregada de funções que não consegue orientar tais professores? Por quais motivos a secretaria está alheia a todo esse processo experienciado por seu grupo de professores? Mesmo sem a demanda de obter uma resposta nesta pesquisa, é preciso perceber que há uma certa negligência e, diríamos, até abandono quanto aos processos vivenciados pelos professores iniciantes.

Os professores também narram sobre como têm agido frente aos desafios relacionais, tendo em vista que, em seus escritos, tiveram inúmeras respostas voltadas para a dificuldade em dialogar com os familiares dos alunos e com a gestão escolar.

Tenho agido em empatia e afetividade junto aos meus alunos, melhorando assim tanto a relação com alunos bem como com a gestão (Professor iniciante 25, com 4 anos a 60 meses de atuação profissional).

Tenho mantido diálogo permanente com os pais sobre a importância da parceria família-escola, incentivando-os a se dedicarem no acompanhamento escolar de seus filhos. Sempre que possível, tento driblar a falta de recurso e adapto as atividades das crianças para que elas não deixem de ter um aprendizado de qualidade. Busco sempre planejar aulas agradáveis, que garantam todos os direitos de aprendizagem, mesmo sem muitos materiais elaborados (Professor iniciante 51, com 4 anos a 60 meses de atuação profissional).

Fazendo terapia. Essa é a única resposta possível. Cuidar do mental para que consiga ter forças de permanecer na luta (Professor iniciante 02, com 4 anos a 60 meses de atuação profissional).

Nesse tema, no que concerne ao modo de agir em meio aos desafios, percebemos que os professores foram mais diretos e acabaram por se restringir a comentar o que têm sentido diante desse processo e quais os seus principais sentimentos, sendo “afetividade”, “paciência” e “empatia” palavras de ordem em seus discursos. Conforme é possível perceber, nos trechos destacados, os professores informam recorrer à afetividade, ao diálogo e à terapia para conseguir lidar com relações interpessoais que acontecem na escola. Lembrando que familiares são os principais destacados nas narrativas dos participantes e possuem uma relação direta com esses docentes, o que torna necessário estabelecer um bom vínculo e interação com eles.

O que precisa ser pensado é: até que ponto essas mesmas palavras de ordem usadas pelos professores como seu meio de gerir toda a sua atuação na escola também são utilizadas pelos outros grupos que compõem a comunidade escolar? Ou seja, a gestão escolar tem conseguido ter empatia, paciência e afeto por aqueles que estão iniciando na docência? Os responsáveis pelas crianças conseguem ter sensibilidade, confiança e diálogo com os docentes de seus filhos? Ou, ainda, essas “estratégias de enfrentamento”

usadas pelos iniciantes são suficientes? Elas situam-se no plano individual, sendo necessário vislumbrar também ações institucionais e coletivas.

As condições de trabalho também foram ressaltadas pelos professores participantes do estudo, que denunciam principalmente a falta de estrutura e de materiais e esclarecem quais são as suas ações diante dessa realidade.

Você vai aprendendo na prática mesmo a agir diante das situações. Sobre a falta de estrutura, não tem muito o que se fazer, a não ser cobrar dos responsáveis ou, o que mais acontece, comprar materiais básicos com dinheiro próprio. E sobre as diferentes realidades, é compreender e tratar cada ser como único, respeitando sua história de vida (Professor iniciante 12, com 3 anos a 47 meses de atuação profissional).

Apoio dos gestores e levando trabalho para fora do horário do expediente (Professor iniciante 48, com 4 anos a 60 meses de atuação profissional).

Os trechos apresentados fazem coro ao pensamento de Paulo Freire (1997) que, de modo cirúrgico, anuncia ser preciso ousar para poder continuar “ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente” (p. 8). Mais do que professores ousados, como diz o mestre, faz-se necessário romper com essa ideia romantizada de docência, em que o professor precisa a todo custo conseguir êxito, independente da realidade ou condições asseguradas para que se realize seu trabalho. Que outro profissional, temporário ou concursado, precisa tirar do seu próprio salário para comprar materiais e conseguir fazer minimamente o seu trabalho? Infelizmente, ainda impera a ordem de que o professor precisa ser um missionário que está disposto a tudo por amor à profissão, mesmo que isso signifique abdicar de suas horas de descanso, seu salário ou saúde mental.

Nos escritos dos professores iniciantes é possível compreender que estes, diante das precárias condições de trabalho que, muitas vezes, vivenciam, acabam reproduzindo um estereótipo de profissão que precariza e desvaloriza o docente e o seu trabalho, isto é, quando precisam usar o seu salário para comprar materiais para a escola ou ainda levar trabalho excedente para casa. Sobre o assunto, Pontes e Firmino (2011) consideram que a docência é “originalmente identificada com o ideal religioso e por vezes mobilizadora

de um posicionamento abnegado de doação e sacerdócio. Nesse sentido, em nome dela se explora e se precariza o exercício profissional” (p. 6).

Um outro elemento que acabou sobrecarregando ainda mais o professor iniciante foi o ensino remoto, que passou a ser incorporado em decorrência da pandemia da Covid-19, a qual instaurou uma nova realidade na vida escolar e no seu cotidiano, configurando um contexto a distância, por meio de telas (celulares, tablets e computadores). Cada indivíduo tem experienciado de modo muito particular e único essa situação. Agora imagine um professor que está iniciando e se depara com uma situação de ensino em que não há um contato direto com os seus alunos e demais membros da comunidade escolar, em que é preciso adequar metodologias e aprender formas de inovar e mediar o processo de ensino e de aprendizagem de maneira remota, aprender a lidar com as nuances que esse tipo de ensino possui, como, por exemplo, pessoas que tendem a manter suas câmeras desligadas e sem maiores interações. Certamente, ser iniciante num contexto de pandemia tornou esse momento ainda mais intenso e estressante. Para ilustrar como os docentes agiram ante essa demanda, destacamos as narrativas que seguem:

Em relação às tecnologias para as aulas remotas, busquei aprender um pouco mais sobre essa técnica; para barrar a indisciplina procuro conquistar os meus alunos buscando sempre fazer aulas em que os alunos se sintam protagonistas do seu aprendizado e com as turmas numerosas não há muito o que fazer, e tenho procurando conhecer mais sobre as deficiências dos meus alunos e a família busco sempre estar conversando com eles, para entender melhor o comportamento dos meus alunos (Professor iniciante 17, com 2 anos a 35 meses de atuação profissional).

Durante a pandemia nós tivemos que adaptar atividades, gravar vídeos com lousa em casa, comprando novamente material para trabalhar (Professor iniciante 43, com 3 anos a 47 meses de atuação profissional).

Os professores iniciantes que citaram a pandemia como desafio não adensaram seus escritos sobre como tem sido esse momento em suas vidas, mas indicaram que precisaram se reinventar, ter uma aproximação com as tecnologias, fazer outras atividades em sala de aula diferentes daquelas às quais estavam acostumados, como gravação e edição de vídeo.

### **Considerações finais**

Neste escrito, analisamos como tem sido o início na docência para os professores que estão vivendo seus primeiros anos na carreira, em particular no que se refere aos desafios e ao modo de agir desses profissionais no contexto da pandemia da Covid-19. Para tanto, recorreremos às narrativas escritas de professores que atuam no estado do Ceará.

As produções escritas dos participantes indicam que são diversos os desafios enfrentados no início de atuação, mas que esses profissionais conseguem lidar utilizando estratégias diversificadas que ajudam a passar por essa fase que é especialmente particular e permeada de aprendizagens. Não podemos deixar de chamar atenção para a falta de apoio e para a solidão que esses professores indicam vivenciar durante os seus ingressos na carreira, o que parece ter se intensificado com o advento da pandemia, um evento que, de certo modo, distanciou as pessoas e precisou estabelecer uma nova dinâmica escolar. No entanto, é importante considerar também que os desafios e o modo de agir dos professores, de um modo geral, não decorreram da pandemia, por mais que esta, certamente, tenha intensificado dificuldades antigas.

Assim, entendemos que mesmo com a superação da pandemia, ainda há um longo caminho de valorização e acompanhamento que precisa ser estabelecido para atender as demandas dos professores que estão iniciando na carreira, tendo em vista que essa é uma fase única e determinante na vida professoral. Esperamos que, com este escrito, possamos contribuir para esse debate.

## Referências

- Aguiar, M. Â. S., Dourado, L. F. (2018). A BNCC na contramão do PNE 2014-2024: avaliação e perspectivas. *Anpae*, Recife.
- Alarcão, I., & Roldão, M. C. (2014). Um passo importante no desenvolvimento profissional dos professores: o ano de indução. *Formação docente*, 06 (11), 109-126.
- Almeida, P. A. Noronha, S. S. (2015) Professores iniciantes da Educação Infantil e dos anos iniciais: desafios e práticas que favorecem a inserção profissional. Congresso Nacional de Educação, Curitiba.
- Alves, R. R. (2017). *Professores iniciantes egressos do Pibid em ação: aproximações à sua prática profissional*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Ceará]. Repositório UECE.

- André, M. E. D. A. (2018). Professores iniciantes: egressos de programas de iniciação à docência. *Revista Brasileira de Educação*, 23.
- Cavalcante, M. M. S. (2018). *Permanecer ou evadir da docência?* Estudo sobre perspectivas de professores iniciantes egressos do Pibid UECE. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Ceará]. Repositório UECE.
- Costa, S. L. (2021). *Concepções sobre teoria e prática: implicações para a profissionalidade e a aprendizagem docente de professoras iniciantes na educação infantil.* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Ceará]. Repositório UECE.
- Cunha, M. I., & Zanchet, B. M. B. A. (2010). A problemática dos professores iniciantes: tendência e prática investigativa no espaço universitário. *Educação*, 33 (3), 189-197.
- Dourado, L. F. (2020). PNE, políticas e gestão da educação: novas formas de organização e privatização. *Anpae*, Brasília.
- Farias, I. M. S. (2006). *Inovação, mudança e cultura docente.* Liber Livro.
- Freire, P. (1997). *Educação e mudança.* Paz e Terra.
- Garcia, C. M. (2010). O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência. *Formação Docente*, 2 (3), 11-49.
- Giovanni, L. M., & Guarnieri, M. R. (2014). Pesquisas sobre professores iniciantes e as tendências atuais de reforma da formação de professores: distância, ambiguidades e tensões. Junqueira & Marin.
- JARDILINO, J. R. L., & SAMPAIO, A. M. M. (2019). Desenvolvimento profissional docente: Reflexões sobre política pública de formação de professores. *Educação & Formação*, 4(10), 180-194.
- Jesus, S N. (2004). Desmotivação e crise de identidade na profissão docente. *KATÁLYS*, 7 (2), 192-202;
- Leoni, N. M. (2012) *A inserção no exercício da docência: necessidades formativas de professores em seus anos iniciais.* Cultura Acadêmica.
- Lelis, I. (2001). Profissão docente: uma rede de histórias. *Revista Brasileira de Educação*, 1(17), 40-49.
- Mesquita, E., Formosinho, J., & Machado, J. (2012). Supervisão da prática pedagógica e colegialidade docente. A perspectiva dos candidatos a professores. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, 12, 59-77.
- Nóvoa, A. (2009). *Professores: imagens do futuro presente.* Educa.
- Pontes, A. P. F. S., Firmino, C. A. B. (2011). Docência como profissão: condições de trabalho e precarização. *ANPAE*, São Paulo.
- Romanowski, J. P. (2012). Professores principiantes no Brasil: questões atuais. *III Congresso Internacional sobre Profesorado Principiante e Inserción Profesional a La Docencia*, Santiago do Chile.

Romanowski, J. P., & Martins, P. L. O. M. (2010). Formação continuada: contribuições para o desenvolvimento profissional dos professores. *Rev. Diálogo Educ.*, 10 (30), 285-300.

Tancredi, R. P. (2009). *Aprendizagem da docência e profissionalização: elementos de uma reflexão*. EdUFSCar.

Recebido: 02/12/2023

Aceito: 21/02/2024

Publicado: 30/09/2024

**NOTA:**

As autoras foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.